

## Impasses da vida religiosa em contexto multicultural - interpelações sociológicas sobre demandas de identidade

*Sílvia Regina Alves Fernandes*

Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
E-mail: silvfernandes@terra.com.br

**Resumo.** O contexto originário dos discursos que inspiram as narrativas sobre a crise das instituições religiosas e, em especial, das congregações, é o da globalização, processo de extinção ou pulverização de fronteiras culturais com conseqüências em vários campos da vida, tais como, político, econômico e sócio-cultural com reverberações nas esferas pública e privada. Juntamente com o debate sobre a globalização, os países ocidentais e nós, os latinos, somos confrontados permanentemente com a perspectiva do multiculturalismo (e sua crise) que tenta abranger as diferentes narrativas sobre políticas de identidade levando em conta o específico de cada cultura. Esse debate já penetrou congregações e ordens religiosas provocando tensões entre os sujeitos nelas inseridos. Padres e freiras na atualidade brasileira, têm discutido seu lugar identitário inserindo-se tangencialmente nas narrativas multiculturais que visam defender a identidade demarcando de forma ambígua a diferença na construção das políticas de identidade. Este artigo analisa de forma crítica a assimilação das teorias multiculturalistas a partir da instituição Vida Religiosa.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo. Identidade. Diferença. Vida religiosa.

**Abstract.** The originary context of the speeches that inspire the narratives on the crisis of religious institutions is, in special, of the congregations, is of the globalization, process of extinguishing or spraying of cultural borders with consequences in some fields of the life, such as, politician, economic and sociocultural with repercussions in the spheres public and private. Together with the debate on the globalization, the occidental countries and we, the Latins, are collated permanently with the perspective of the multiculturalism (and its crisis) that tries to enclose the different narratives on identity politics leading in account the specific one of each culture. This debate already penetrated religious congregations and orders provoking tensions between the citizens in inserted them. Priests and nuns in the Brazilian present time have argued its identities place inserting themselves tangentially in the multicultural narratives that they aim at to defend the identity demarcating of ambiguous form the difference in the construction of the identity politics. This article analyzes of critical form the assimilation of the multiculturalists theories from the institution Religious Life.

**Keywords:** Multiculturalism. Identity. Difference. Religious life.

## 1. INTRODUÇÃO

Qualquer pessoa que possua alguma aproximação com a instituição VR (Vida Religiosa)<sup>1</sup> hoje ouvirá falar - seja no Brasil seja em outras partes do globo - em uma quase petrificada narrativa de “crise”. As causas e conseqüências dessa crise tornam-se objeto de análise de intelectuais orgânicos, de líderes religiosos e de uma gama de profissionais (psicólogos, teólogos e sociólogos) não vinculados à instituição. Esses agentes vêm empreendendo esforços na compreensão das mudanças que atravessam as várias modalidades e estilos do conjunto de congregações e de ações que constituem a Vida Religiosa.

Consideramos que o estudo sobre a “crise” da VR deveria enfocar a instauração da crise na VR no sentido de que tal crise não agrega um interesse autóctone, ou seja, não originário na própria instituição, mas antes porque consideraria que o tempo em que vivemos (modernidade contemporânea) caracteriza-se por este traço: sociedades complexas e em crise. Desse modo, a crise deixaria de ser encarada como algo extraordinário para se tornar algo ordinário, dada à contingência da vida, reflexiva e com potencial transformador. Chamamos a atenção, entretanto, para o fato de que a abordagem genérica da crise da Vida Religiosa pouco tem contribuído para promover mudanças significativas e isso se dá, ao meu ver, em função de que as análises se reduzem a alguns efeitos da crise, como por exemplo, o baixo número de ingressos a cada ano; as tensões relacionadas ao exercício da autoridade e o tão desejado diálogo com o “diferente”.

A análise do momento atual da Vida Religiosa deve levar em consideração narrativas que não nascem nesse espaço de produção de significados, mas que imprimem reflexos intensos no interior das congregações e da própria dinâmica da Igreja Católica, instituição que vem apresentando sintomas de contaminação visceral (e, em certa medida irrecuperável) das inova-

ções trazidas pela modernidade contemporânea e, para alguns estudiosos, “líquida” (BAUMAN, 2001). Essas narrativas são produzidas em função da falência de alguns modelos de sociedade propostos pela modernidade e experimentados de forma intensa e conflituosa ao longo do século XX. Assim, as demandas de identidade constituem-se genealogicamente em meio às tendências globalizantes e seus efeitos desestruturadores e em defesa da “autenticidade” (TAYLOR, 2000). Tais efeitos asseguraram o próprio lugar de existência graças à intensificação do pluralismo e dos sentidos da liberdade, acrescidos do colapso do Estado de bem-estar social e do subsequente crescimento do sentimento de insegurança (VECCHI, 2005) que parece ter selado a ferro e fogo a vida dos indivíduos contemporâneos.

Dentre os três aspectos acima mencionados como efeitos da crise na VR, a problematização do diálogo com o “diferente” inspira esse texto de modo particular, sobretudo porque, levando-se em conta a produção analítica sobre a Vida Religiosa, não raro são traçados cenários sobre “identidade” e “diferença”. A questão é que a multiplicidade de enfoques não tem contribuído de modo satisfatório para que a VR possa de fato empreender uma nova concepção de si e juntamente com essa tarefa, novas práticas que não se esgotariam na chamada “Refundação”. Esse termo ter-se-ia constituído fragilmente integrando uma ordem discursiva que conclama uma espécie de “volta às origens” enfatizando-se os carismas fundadores e suas atualizações e revisões. Ora, um acompanhamento mais sistemático das práticas dos sujeitos que integram a VR, revela que no nível discursivo há muito se vem “refundando”, mas possíveis mudanças estruturais ainda não são vislumbradas em larga escala, além do quê, incrementos refundacionais muitas vezes funcionam como fossilizadores de posições já consolidadas por parte das instituições.

O contexto originário dos discursos que inspiram as narrativas sobre a VR em crise é o da globalização, processo de extinção

ou pulverização de fronteiras culturais com conseqüências em vários campos da vida, tais como, político, econômico e sócio-cultural com reverberações nas esferas pública e privada. Juntamente com o debate sobre a globalização, os países ocidentais e nós, os latinos, somos confrontados permanentemente com a perspectiva do multiculturalismo (e sua crise) que tenta abranger as diferentes narrativas sobre políticas de identidade levando em conta o específico de cada cultura. O multiculturalismo surge como uma contratendência às propostas universalistas e portanto como uma contratendência à homogeneização das culturas colocando a diferença e a disjunção no centro do debate.

Se o tema motivador na elaboração das teorias multiculturais é a identidade e seu duplo - a diferença - cabe colocar na pauta de nosso debate algumas variações da abordagem, algumas situações das identidades e, por fim, ilustrações de como os sujeitos coletivos têm se apropriado de todo esse mar de elaborações teóricas com conseqüências observáveis em nosso cotidiano.

Quando há alguns anos a chamada “inculturação” emergiu na teologia latino-americana já se teria ali algum germe ou embrião do que hoje se expandiu com proporções intercontinentais. Se por um lado o ato de inculturar representou e representa uma imersão dos religiosos na cultura local, deixando suas casas conventuais e práticas de inserção institucional tradicionais, por outro os conflitos gerados no nível das identidades são inenarráveis. Constataram-se aproximações entre locais (os nativos) e globais (os religiosos em lugares de missão) e ao mesmo tempo algumas dissidências, incompatibilidades, inconsistências no manejo com a alteridade. Em muitas situações dava-se um deslocamento físico, geográfico, mas não necessariamente se produzia a abertura suficiente para compreender o aspecto relacional da construção das identidades. Nessa direção, queremos enfatizar duas assertivas relevantes ao debate: 1) as identidades são construídas socialmente, portanto, sem essência originária;

2) a diferença é o vetor fundador das identidades.

O pós-estruturalismo francês desenvolvido no período posterior à segunda guerra fortalece a produção teórica dos chamados “estudos culturais”, de origem inglesa. A perspectiva de filósofos desconstrutivistas tais como Jacques Derrida e Michel Foucault, dentre outros, alimenta o debate sobre os particularismos, as representações sociais e a diferença (PRYSTHON, 2003) no jogo da vida social. Assim, a apropriação e reelaboração da contribuição desses pensadores, somada aos efeitos da globalização, irá redundar no aprofundamento das narrativas defensivas dos grupos minoritários e das identidades nacionais catalisando a abordagem multicultural.

A produção teórica sob a perspectiva do multiculturalismo (HALL, 1998; IRIGARY, 1985; BHABHA, 1998) discute a emergência de desessencialização, a politização ou invenção das identidades originando novas formas de identificação coletiva (negros, mulheres, índios, jovens etc.), o descentramento das grandes narrativas e ao mesmo tempo a reivindicação das identidades situadas em lugar marginal (ex-cêntrico). Tal perspectiva poderá também almejar o centro de produção dos discursos, das atribuições de poder e de formatação de novo *ethos* identitário colocado para os sujeitos e pelos sujeitos. Desse modo, a posição reivindicatória tanto irá se beneficiar quanto impulsionar a globalização (BURITY, 2001) e é exatamente esse contexto globalizante que viabiliza e produz as condições necessárias à expansão de demandas de identidade cada vez mais polissêmicas.

## **2. A VISIBILIDADE DA TEMÁTICA MULTICULTURAL NA VR - UM BREVE BALANÇO DA REVISTA CONVERGÊNCIA**

Na tentativa de analisar a existência e as principais linhas de abordagem sobre o multiculturalismo em contexto de VR,

realizamos um breve mapeamento dos artigos publicados na Revista *Convergência*, de tiragem mensal, editada pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) durante dois anos iniciais de nosso novo século (2000 e 2001)<sup>2</sup>. Se levarmos em conta que a produção teórica sobre o multiculturalismo ganha vulto a partir dos anos de 1980 e considerando-se ainda o tempo de maturação e chegada do debate na América Latina, o período de vinte e sete anos nos pareceu satisfatório para análise de como intelectuais orgânicos e demais estudiosos da VR no país têm dialogado com ou sob a influência da perspectiva multicultural.

A tabela e o gráfico abaixo sintetizam os resultados encontrados:

**Tabela 1** - Artigos analisados na Revista *Convergência* anos de 2000 e 2001

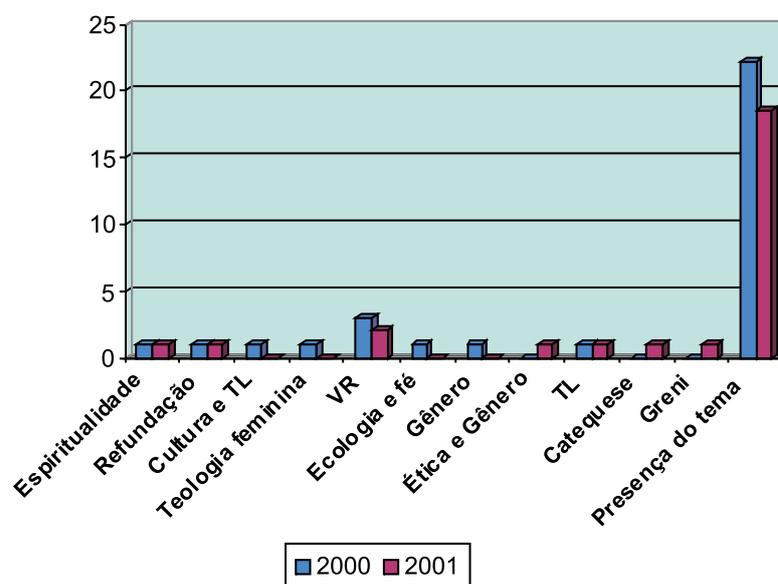
Ano	Nº de artigos publicados	Nº de artigos tematizados	Categorias centrais propostas nos artigos tematizados	%
2000	45	10	Espiritualidade, Refundação, Cultura e TL; Teologia feminina; Vida Religiosa; Ecologia; Gênero; TL	22,2
2001	43	08	Vida Religiosa; TL; Catequese; GRENI; Espiritualidade; Ética e Gênero;	18,6
Total	88	18	-	20,4

A partir da leitura dos artigos mapeamos e classificamos os mesmos tendo em vista a linha de argumentação temática adotada por seus respectivos autores. Uma primeira observação importante é que a maioria dos autores e autoras são padres e religiosas. Assim, no ano de 2000, apenas duas autoras não pertencem à VR, tendo-se em vista o conjunto de artigos publicados. Em 2001 a revista contou com a colaboração de apenas um

autor não pertencente à VR. Esse dado é relevante por indicar que a produção reflexiva da Revista está orientada por um *ethos* próprio da VR e pode favorecer a uma certa homogeneidade argumentativa e temática.

O gráfico abaixo apresenta o número de artigos em cada tema cuja abordagem do autor fez alguma interface com as teorias multiculturais. As barras cuja legenda indica “presença do tema” correspondem aos índices totais em cada ano, ou seja, 22,2% dos artigos publicados em 2000 e 18,6% dos artigos publicados em 2001 abordaram de maneira transversal ou direta o tema deste artigo.

**Gráfico 1.** N° de artigos de acordo com o tema - revista Conversão 2000-2001



Faremos agora uma incursão nos artigos mapeados no ano de 2000. Um deles, classificado por nós sob o tema “espiritualida-

de”, sinaliza para uma abordagem multicultural ao propor como subtítulo a frase: “Diálogo inter-religioso na diversidade cultural”. Discorrendo sobre as celebrações eucarísticas o autor considera que “abrir-se ao outro, principalmente de cultura ou religião diferente, supõe, em primeiro lugar e antes de mais nada, uma atitude de abertura da própria vida e nas próprias atitudes” (BARROS, 2000, p. 176-177). Assim, embora o tema tratado aparentemente não explicitasse nenhuma relação com questões ligadas à diferença cultural, os argumentos do autor, ao apontarem para a prática “inculturada” das celebrações, fazem eco à reivindicação central da perspectiva do multiculturalismo: o direito à diferença.

Uma curiosidade que revela a polissemia do termo “refundação” - expressão em voga na VR - aparece em um dos artigos que abordaram o tema durante o ano de 2000. Após caracterizar o termo destacando “o que é” e “o que não é” refundação, o autor - um religioso - argumenta que “a cultura pós-moderna precisa ser incluída em qualquer discernimento sobre a refundação [...] profecia exige inculturação, pois fala na linguagem e nos conceitos de seu contexto cultural” (KEARNS, 2000, p. 190). Propondo a compreensão da refundação como um processo, o autor produz uma simetria entre elementos presentes no discurso multiculturalista (identidades em processo) e proposições discursivas que visam promover a transformação da VR. É fato que há uma repetição sobre os elementos que necessitam de revisão na VR. Fala-se de forma quase naturalizada sobre transformação das estruturas e da rigidez institucional, diz o autor que “a casa toda precisa de reformas”.

O discurso sobre refundação na VR se funda sob um aspecto principal que pode ser desmembrado em dois. Este aspecto principal supõe o retorno às origens, ao carisma fundador, como indicamos anteriormente. Tal retorno, entretanto, corre o risco de ser realizado de duas formas: 1) essencializando/mitificando a figura do fundador da congregação; 2) tentando garantir a legitimidade da reivindicação reificando o passado histórico fun-

dacional. Ambos os aspectos fazem parte de uma das principais críticas do discurso multicultural à chamada “cultura hegemônica”: a essencialização das identidades não as tomando como uma construção social, ou como uma enunciação de caráter provisório por incorporar os lugares híbridos de construção identitária.

O artigo que classificamos como apresentando a temática integrada “Cultura e Teologia da Libertação” aborda os termos “inculturação”, “alteridade” e “especificidade das culturas” (MEDeiros, 2000, p. 161-171). O percurso feito pelo autor se inicia na distinção/diferenciação das Américas chamando a atenção para a “destruição” realizada pela conquista européia. O autor destaca que as tensões presentes na relação entre a pobreza e a cultura em nosso continente são “benéficas” e correspondem aos embates entre “alteridades” e “especificidades”. Ele não apenas demarca a situação eclesial na América Latina e no Caribe como apresenta um amplo quadro analisado no subitem intitulado “Globalização, pobreza e enfoques culturais”. Tratando especificamente do tema “juventude” o autor menciona o atual perfil dos jovens sinalizando para suas atuais reivindicações e contestações. O outro artigo que classificamos apenas como “Teologia da Libertação”, escrito por um padre, faz um balanço dos 30 anos dessa Teologia na América Latina ressaltando que se trata de uma “resposta situada a um contexto socio-eclesial determinado” (PALÁCIO, 2000, p. 506). Esse caráter situacional da Teologia da Libertação quer exatamente contestar uma concepção teológica monolítica com pretensões de universalidade.

As relações de gênero se configuram como um dos temas principais da abordagem multicultural. A “diferença feminina” só é abordada de forma sistemática pela “segunda onda” do feminismo já que a “primeira onda” reivindicava a igualdade entre os sexos seja do ponto de vista legal, civil, político ou social (PIERUCCI, 1999). Sabe-se que as diferenças de gênero ganharam, há algum tempo, espaço na pauta de reflexões dos sujeitos da VR. Ainda assim, no ano de 2000 foram apenas dois os artigos publicados na

revista *Convergência* sobre esse tema e nós classificamos o primeiro, mais específico, como “teologia feminina”. O artigo realiza uma incursão histórica que descreve a presença de mulheres na Igreja, graças ao caráter citacional de passagens bíblicas sobre mulheres. O outro artigo classificado por nós apenas como “gênero” apresenta uma interface entre a presença histórica das mulheres na vida da Igreja (incorporando claramente a linguagem presente no debate feminista) e uma convocação reflexiva aos leitores:

[...] sempre houve esta relação de opressão às mulheres? De onde surgiu esta situação? É importante compreender como os valores femininos foram sendo desalojados, cedendo lugar aos masculinos [...] é no campo de uma identidade não permitida que o feminino demonstra que sua história está ancorada em ‘lugares de memória’ (MORRA, 2000, p. 552).

A idéia de invisibilidade dos sujeitos (“identidade não permitida”) expressa no discurso desta religiosa é uma das marcas da abordagem multicultural para a qual estes sujeitos invisibilizados devem lutar por um espaço que lhes foi negado ou solapado.

A diferença reivindicada em contexto de multiculturalismo se expressa sempre dentro de um binômio valorativo composto por um “bem” e um “mal”. Assim, no caso das mulheres, o “mal” é revelado por meio do desenvolvimento do que a bibliografia sobre o tema considera uma cultura machista e patriarcal que negou às mulheres seu lugar no mundo, oprimindo e gerando as assimetrias de gênero instauradas em nossas sociedades. Especialmente as demandas colocadas na produção teórica sobre as relações de gênero demonstram que a construção de uma identidade ocorre sempre em relação a uma outra e em ambiente de tensão contínua.

Três artigos cuja nossa classificação denominou “Vida Religiosa” (VR) abordaram a temática do multiculturalismo e os três foram escritos por padres ou religiosos. No primeiro, o religioso Marcelo de Barros (2000, p. 26) questiona quais seriam os novos

paradigmas que interpelam hoje a VR e argumenta a respeito deles sugerindo uma reflexão da VR sobre si mesma tendo-os como ponto de partida. O autor faz uma observação sobre a presença “inculturada” que, em sua visão, por mais autêntica que seja continuará fazendo dos religiosos e religiosas “estrangeiros” a uma dada cultura. No segundo artigo, intitulado “Vida Religiosa e formação inculturada: entre Atabaques e Guasás” o autor ao analisar o tema da formação, propõe que se leve em consideração a emergência de novos sujeitos culturais que, segundo ele “denunciam também e, sobretudo, uma vida religiosa concebida a partir de uma única referência cultural que se impôs de forma hegemônica.” (SILVA, 2000, p. 236). O autor menciona que a emergência desses novos sujeitos culturais conduz a VR a novas perguntas e estas estão claramente relacionadas com as demandas identitárias do multiculturalismo: “É possível ser religioso sem deixar de ser negro, índio e gente do povo?” Para ele há uma interatividade possível entre as várias identidades. O terceiro artigo, escrito por um teólogo, com vasta produção sob o tema da “inculturação” indica a possibilidade da existência do que denomina de “universalidade contextualizada”: “Ao global, a face escura da modernidade, se opõe à face luminosa desta mesma modernidade -autonomia, fraternidade, liberdade, igualdade - que é ‘universal’ e ao mesmo tempo ‘contextual’” (SUESS, 2000, p. 460).

Classificamos como “Ecologia e Fé” o artigo de um padre que aborda a “crise ecológica” ressaltando o papel do cristão diante dela. Para o autor, a crise ecológica é identificada como “a própria face da crise cultural e civilizacional deste fim de século e milênio” (JUNGUES, 2000, p. 524). A questão diagnosticada por ele é que os elementos que fundamentam a moderna civilização (autonomia, urbanização, individualismo, ciência) são questionados pela crise ecológica, produzida, sobretudo, pelo antropocentrismo da cultura moderna.

Ecologia, pacifismo, negros, mulheres, gays etc. teríamos uma

infinidade de temas na agenda multicultural para serem incluídos e abordados sobre a égide das identidades que demarcam cada vez mais e atrativamente o tema da diferença. Só recentemente, entretanto, o elogio da diferença vem sendo trabalhado de forma mais crítica, sinalizando para a necessidade de revisões práticas e discursivas.

Passemos agora a verificar os artigos publicados na Revista *Convergência*, no ano de 2001. Como vimos, dentre os 43 artigos publicados na revista, 08 trouxeram à tona, de alguma forma, elementos presentes no debate multicultural.

No artigo que classificamos como “espiritualidade” uma teóloga ao analisar a globalização questiona: “se a globalização parece ser inevitável, é possível pensá-la numa perspectiva de intercâmbio cultural buscando ter cuidado para não violar a identidade dos povos?” (MORRA, 2001, p. 452). Ela sugere ainda o comprometimento da Vida Religiosa nesse processo. As perguntas sobre o “novo” da VR e a partir de quais elementos ele estaria sendo construído são freqüentes em vários artigos incluindo-se este. Essa angústia sobre a reformulação ou revisão das tradições constitui a perspectiva da alta modernidade sugerindo permanentes mudanças dos lugares identitários anteriormente consolidados. O questionamento permanente integra, portanto, a formatação da auto-identidade, ou seja, do *self* compreendido de modo reflexivo pelo indivíduo em relação à própria biografia (GIDDENS, 2002).

A temática da refundação sob a ótica do multiculturalismo é abordada no ano de 2001 em um texto no qual o autor defende a tentativa de recuperar o que denomina de “diferença cristã”. Ele argumenta que “um dos grandes desafios que o cristianismo terá que enfrentar, ao atravessar o umbral do terceiro milênio, é o de recuperar de maneira clara e transparente sua especificidade” (PALÁCIO, 2001, p. 21).

A VR foi retratada em dois artigos fazendo interface com a temática do multiculturalismo, no ano de 2001. No primeiro, uma religiosa se posiciona de forma crítica denunciando o que ela

compreende como uma certa importação pela América Latina de um modelo de Vida Religiosa européia, já em extinção: “Existe na América latina uma vida religiosa européia - histórica, social e culturalmente transplantada. Ainda hoje!” (AMBROSIO, 2001, p. 44) O discurso dessa religiosa sinaliza para outra crítica fundante do multiculturalismo ao *ethos* ocidental: o eurocentrismo. A perspectiva de descentramento adotada por teóricos como Homi Bhabha e Edward Said (para citar apenas dois analistas) sinalizam para o deslocamento da Europa como lugar legítimo de produção da cultura e dos discursos nos vários campos da vida social. Em função desse necessário descentramento as teorias elaboradas a partir do olhar multicultural sugerem que as fronteiras sejam retraçadas levando-se em conta o dado contingencial que constrói a diferença social como algo “intervalar”, ou seja, no intervalo de uma identidade que não é nem o Um e nem o Outro (BHABHA, 1998).

O segundo artigo, escrito por um padre, faz menção à tolerância, um tema caro ao discurso multicultural. O autor argumenta que a tolerância não pode ser ilimitada sob pena de colocar em risco a própria à VR. Assim, ele sinaliza para uma definição de tolerância como uma liberdade recíproca onde cada indivíduo possa expressar suas idéias sem violência: “aprender a viver exige uma delicadeza respeitosa ao diferente em todas as relação” (LIBÂNIO, 2001, p. 364).

O tema “Ética e Gênero” em nossa categorização preconiza o artigo de um religioso que ressalta a emergência das mulheres na consolidação do paradigma do cuidado. Este é o único artigo que trata a questão de gênero sob o ponto de vista masculino. Utilizando-se de um estudo feito por Carol Gilligan<sup>3</sup> (1982), o autor faz uma incursão sobre o surgimento do que denomina “paradigma do cuidado” apresentando o que seriam os pressupostos antropológicos desse paradigma. Nessa direção ele indica as contradições da modernidade e sinaliza pra o fato de que a falência do projeto coloca em xeque a “visão dominadora

do macho vencedor” (JUNGES, 2001, p. 600).

No artigo que classificamos como “Teologia da Libertação” dentre os que foram publicados em 2001, destaca-se uma crítica radical à globalização e a proposta de busca de alternativas ao sistema dominante. Assim, o autor declara que as várias teologias que emergiram sob o guarda-chuva da Teologia da Libertação (Teologia indígena, da Mulher, dos jovens, afro-americana etc.) cumprem um papel relevante na medida em que se constituem como alternativas possíveis ao “sistema”. O autor afirma que: “essas teologias expressam diretamente os sujeitos emergentes no mundo dos excluídos, e, ao mesmo tempo, fazem uma crítica global ao sistema a partir de uma perspectiva e situação concreta e específica” (RICHARD, 2001, p. 212).

Ao traçar um panorama da história da catequese no país a autora do artigo que classificamos como “Catequese” sugere a existência e emergência de uma “catequese inculturada e situada”, levando-se em conta as diferenças entre os vários destinatários da catequese. Sua sugestão é que se procure conhecer as diferentes linguagens e expressões culturais no exercício dessa atividade eclesial (BROSHUIS, 2001, p. 383).

Finalizando os comentários sobre os artigos analisados, um dos textos que integra um número da Revista, possui a função de informar a respeito de um encontro ocorrido no centro-oeste do país reunindo membros ativos do GRENI (Grupo de Reflexão de Religiosas (os) Negras (os) e Indígenas)<sup>4</sup>. A autora comenta que uma das preocupações dos participantes do encontro indicava a necessidade de se combater os estereótipos em relação às identidades negra e indígena. O artigo faz interface com o multiculturalismo ao fazer um balanço desse encontro construindo uma proposta de “recuperação da identidade”. Nessa direção, um dos sub-itens traz como título o tema da identidade: “Identidade - quem sou eu?” Transcrevo, a seguir, parte da análise da autora:

Antigamente, com a pedagogia da reprodução, a formação era mais fácil: de geração em geração se repetia o processo. Havia uma uniformização, tudo era padronizado. O (a) formando (a) aniquilava seu projeto pessoal e assumia o projeto do fundador (imitatio). Hoje, a questão gira em torno de como conjugar o seu projeto pessoal, sua identidade cultural com o carisma congregacional [...] (COSTA, 2001, p. 402).

A última parte de nosso artigo procura discutir exatamente essas demandas a partir da problematização do discurso multicultural. Em sua lucidez analítica, Zygmunt Bauman (2005) propõe que não há solidez rochosa na identidade, não há nada que possa garantir sua permanência. Se a modernidade se apresenta de forma “líquida”, as tentativas de solidificação dessas identidades a partir do desenvolvimento das políticas de identidade configuram-se como um problema para a formulação do pensamento crítico.

### **3. DEMANDAS DE IDENTIDADE NA VR- RISCOS E NOVOS LUGARES DISCURSIVOS (TOLERÂNCIA, RESPEITO E ABERTURA)**

Considerando a análise dos artigos vistos até aqui temos uma percepção nítida de que tanto o direito à diferença quanto a reivindicação de reconhecimento identitário compõem parte do momento reflexivo da VR. Negar a influência do discurso multiculturalista ou dar as costas para todas essas construções narrativas não se configura como a melhor saída para o dilema já colocado para todas as instituições modernas. Assim, a perspectiva do discurso multicultural invade nossa forma de pensar e re-pensar a diferença. Ser diferente tem suscitado maiores emoções e lugares politicamente corretos do que ser simplesmente igual. O que parece nos mover é muito mais a valorização do específico no universo plural do que do universal ainda que se leve em conta as singularidades. Na medida em que não há mais um único centro, argumenta a formulação do multi-

culturalismo, obliteraram-se as forças determinantes e totalizantes que moldariam as relações sociais. O discurso e as práticas são, portanto, cada vez mais polifônicos e polissêmicos e vão informar as novas identidades no cenário mundial.

Mas há críticas não pouco relevantes feitas a essa perspectiva e nos ateremos brevemente a elas. Essas críticas podem ser resumidas em duas teses que indicaremos como riscos: 1) o reengessamento das novas identidades; 2) as implicações dessas mudanças no que tange à perspectiva dos direitos universais.

Nessa direção, Bauman, destaca a ambigüidade das identidades que em um momento se transmutam nas pressões coletivas das minorias e em outro provocam intolerâncias contra um grupo maior acusando-o de querer devorá-lo. A instauração dos novos fundamentalismos tem pontos de contato nessas duas vertentes (BAUMAN, 2005). Sendo assim, o pensador analisa que a identidade é um campo altamente contestado, um verdadeiro “campo de batalha”.

Danilo Martuccelli (1996) discute os efeitos políticos do multiculturalismo e considera que “ao visar a destruição de um modelo dominante, a política da diferença arrisca-se, pois, a transformar a sociedade em mera justaposição de grupos [...] todos contra todos, uns após os outros, todos estão sob a mira” (p. 26). Para o autor há um drama identitário das políticas de identidade porque os seus sujeitos não podem tornar-se universais e, sendo assim, existem de maneira reativa ou aceitam a própria dissolução identitária.

A análise crítica de Livio Sansone (2003) apresenta ainda outro ponto a se considerar, a saber, o fato de que as políticas multiculturais partem do princípio da existência de uma coesão de classe e uma homogeneidade social e étnica entre os grupos que demandam direitos. Assim, o autor qualifica como “alarmante” o fato de que as categorias que orientam as políticas multiculturais em geral são dotadas de uma rigidez que elimina as diferenças de classe no interior de um determinado grupo minoritário.

Por fim, o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2006) traça a mais

radical das críticas ao multiculturalismo considerando que este, quando despolitizado, significa a mais nova ideologia do capitalismo global. Na medida em que a política atual produz uma espécie de curto-circuito entre o universal e o particular, o processo de despolitização da política pode favorecer a perpetuação da condição de excluídos, tendo o adepto do multiculturalismo uma atitude cínica diante do outro, em relação ao qual mantém uma postura de respeito, traduzida pelo autor como uma espécie de “racismo à distância”: “o respeito do multiculturalismo pela especificidade do Outro é precisamente a forma adotada pela afirmação da sua própria superioridade” (ŽIŽEK, 2006; p. 73). Essa afirmação bombástica para os defensores do multiculturalismo quer indicar que o giro das construções identitárias pode funcionar como um *boomerang* que vai longe e volta ao mesmo lugar. Nesse caso, entretanto, como discurso de autoridade legitimado pela teoria da abertura.

Voltando nosso olhar para a VR, que provocações a teoria do multiculturalismo suscita? Depois de aproximadamente 10 anos em contato direto com congregações religiosas no Brasil, desde que concluímos nosso trabalho de mestrado juntamente a congregações femininas, temos algumas observações sobre as demandas identitárias que percebemos nos sujeitos da VR. Encontramos religiosas que questionam os papéis de gênero no interior da instituição; outras que demandam reformas radicais na VR; outras em crise por retirar o hábito religioso e outras realizadas com a possibilidade de ser minoria. Além disso, os impasses enfrentados no processo de inculturação, especialmente nas congregações que possuem comunidades inseridas em lugares periféricos e desfavorecidos socio-economicamente, se configuram pela tentativa, muitas vezes inócua, de transformar-se no Outro (crítica já consolidada suficientemente na VR) ou pela crítica do Outro a essa tentativa: - “irmã, vocês nunca serão como a gente: vocês falam línguas, têm dinheiro para viajar quando precisam...”, dizia um morador de favela a uma freira “inculturada”. Essa afirmação expressa a lucidez de um sujeito que chega a uma conclusão banal

sobre os intercâmbios sócio-culturais: não há que se ter pretensões de imersão cultural se esse movimento significar a apologia da diferença não desejada pelo Outro endeusado, em sua condição adversa, como alimento do desejo de missão de cada inserção.

Em outro trabalho<sup>5</sup>, analisamos o discurso de jovens candidatos à VR e sacerdotal visando compreender suas motivações para engrossar as fileiras das instituições de vida consagrada. Se por um lado, observou-se no discurso dos jovens (rapazes e moças) investigados, semelhanças entre os aspectos motivacionais para o pertencimento às congregações por outro, constatou-se que no segmento feminino há uma leitura institucional mais crítica no que tange aos lugares de poder instaurados na VR. Assim, as críticas ao exercício do poder na VR ficam mais explícitas no discurso das jovens.

Ideais de autenticidade se manifestam quando rapazes e moças constroem suas identidades sublinhando que são “diferentes” dos demais ou possuem valores opostos àqueles presentes na sociedade em que vivem. Assim, ora podem buscar refúgio nos seminários e conventos onde se pode adotar uma atitude de estranhamento ou indiferentismo frente à vida social, ora a adesão a essas instituições significará uma tentativa de colonizar o “mundo” no que tange à disseminação dos ideários cristãos.

Aqui se encontra o “paradoxo no qual repousa a condição existencial dos indivíduos da sociedade moderna” (BAUMAN 1999, p. 212) pelo fato de que a ênfase na individualidade ou na diferença traz necessariamente a busca de afirmação ou de aceitação social. Essa, contudo, não é uma relação dissociada de tensões e muitas vezes, seminários e conventos irão atender a essa exigência de reconhecimento social (FERNANDES, 2004).

Ressalte-se que o discurso da tolerância, do respeito à alteridade e da abertura assumem tonalidades muito diversas em cada congregação religiosa. Na Igreja católica de modo mais amplo, muitas vezes tolerar representa permitir que o outro esteja em seu lugar desde que se assegure a “verdade” do lado de cá. Nesse sentido, tolera-se os

gays, os “irmãos evangélicos”, os novos movimentos religiosos, os novos modelos de VR... mas a abertura integral, na visão filosófica, a percepção de que a identidade implica no reconhecimento em si daquilo que Jacques Derrida (1999) descreveu como a “metafísica da presença”, isto é, a presença “ausente” de outros sujeitos. Esse reconhecimento imprimiria aos religiosos e religiosas novas possibilidades de solidariedade numa luta que tem como premissa a promoção de relações mais plenas baseadas na implicação de todos. Reflexivamente esses sujeitos entrariam em um movimento de recomposição e auto-crítica permanente.

Dizer que se está destinado a hibridez da ausência de lugar é - em nome do híbrido - sacralizar a exclusão, o silenciamento e a segregação do Outro que não usufrui das mesmas condições econômicas e culturais do seu “diferente” situado. O discurso multicultural defenderá a flutuação das identidades igualmente condicionadas pelos tempos, mas em condições sociais diversas. Assim, argumenta Slavoj Žižek (2006), enquanto uma elite cosmopolita pode circular pelos países na apreciação da diferença, o migrante expulso de sua terra pela pobreza experimenta um choque traumático sobre o qual o discurso de que deve gozar de sua condição identitária híbrida explicita a força e o selo do estigma da exclusão. Desse modo pode-se dizer que temos os híbridos por opção e os híbridos por falta de opção ou por exclusão.

Transpondo essa abordagem teórica para a VR e outros grupos na sociedade brasileira que, de uma forma ou de outra, reivindicam identidade, consideramos que não há que se celebrar a diferença pela diferença ou a identidade por seu caráter pós-moderno irreversível. Pode-se ensaiar a busca de aprofundamento no que tange à diversidade cultural e definir conjuntamente espaços de sociabilidade mais igualitários sem propostas que engessem as alternativas possíveis e muitas vezes, nada ameaçadoras, trazidas por novos sujeitos coletivos para a reformulação das tradições.

Quando uma jovem freira relata que em sua congregação não lhe

é permitido deitar ao sofá ao chegar cansada de um dia de trabalho, fica explícito que a capacidade reflexiva dos que estão em situação de liderança e que são detentores da elaboração das regras, está condicionada por um engessamento normativo interno que entra em contradição com o apelo de valorização das culturas ou dos povos “diferentes” que motiva tantas missões religiosas ainda hoje.

Uma proposta simples feita por um antropólogo português (e aqui não vai nenhuma piada de brasileiro!) para a experimentação de um multiculturalismo mais enriquecedor sugere que a partilha cultural seja acompanhada da partilha do poder, o que implica em “dupla partilha”. Nessa direção - o autor argumenta - a afirmação legítima de uma identidade não estará em situação de risco de se transformar num instrumento de guerra (RODRIGO DE AREIA, 2004).

Os novos lugares discursivos na VR são formados por demandas mais amplas que a penetram, tais como as narrativas de gênero, de etnia e raça, de pacifismo, de juventudes e de cada vez mais emergentes revisões identitárias. Por outro lado, há que caracterizar e questionar solidariamente a convencionalidade de cada discurso originário, fundador e sólido na VR que recorre à história, à natureza essencializada ou ainda a uma suposta superioridade sociocultural em busca de legitimação. Ao caracterizar essa convencionalidade discursiva realizar o velho esforço - para o qual ainda não se possuem receitas e nem certezas quanto aos seus resultados - de ir podando as arestas de identidades mais estritas e fortalecendo as identidades mais inclusivas. A atribuição de valor a cada uma dessas identidades resultará em novo esforço a se estabelecer com critérios definidos à luz da contingência e da abertura.

## NOTAS

1 Denomina-se Vida Religiosa a instituição que agrega congregações e ordens religiosas com as quais os indivíduos realizam vinculação de caráter permanente passando a assumir as identidades: padres religiosos, irmãos ou frade no caso masculino e freira, no caso feminino.

- 2 Minha proposta é integralizar a análise posteriormente considerando os artigos publicados durante os anos de 2002 a 2006.
- 3 O objetivo desta pesquisa, sob o ponto de vista da psicologia é demonstrar que as mulheres avaliam e elaboram os conflitos morais de forma diferente dos homens.
- 4 A distinção dos artigos feminino (a) e masculino (o) ao final das palavras informa sobre o uso "politicamente correto" dos termos a partir das teorias feministas. Nesse caso, observe-se que a autora do artigo na revista optou por colocar o artigo feminino à frente do masculino, indicando claramente o deslocamento simbólico das identidades femininas.
- 5 Trata-se de tese doutoral sobre jovens candidatos ao sacerdócio e à Vida Religiosa (FERNANDES, 2004).

## REFERÊNCIAS

- AMBROSIO, Márian. Um oceano entre dois mundos. **Convergência**, São Paulo, n. 339, p. 43-49, 2001.
- BARROS, Marcelo. O pão que nos faz irmãos. **Convergência**, São Paulo, n. 331, p. 172-181, 2000.
- \_\_\_\_\_. A Vida Religiosa, Profecia para o Terceiro Milênio? **Convergência**, São Paulo, n. 329, p. 23-32, 2000.
- BROSHUIS, Inês. A caminhada da catequese no Brasil. **Convergência**, São Paulo n.344, p. 374-388, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BURITY, Joanildo. **Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo**. Disponível em: <<http://fundaj.gov.br/tpd/107.html>> Acesso em: 12 abr. 2006.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FERNANDES, Sílvia Regina A. **"Ser padre pra ser santo; ser freira pra servir"** - a construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. 2004. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is not one**. Ithaca: Nova York Cornell University Press, 1985.

JUNGUES, Roque. Ética e gênero: o paradigma do cuidado. **Convergência**, São Paulo, n. 348, p. 591-623, [20--].

\_\_\_\_\_. Crise ecológica e fé na criação. **Convergência**, São Paulo, n. 337, p. 524-550, 2000. (Editora Loyola).

KEARNS, Lourenço. A refundação da Vida Religiosa. **Convergência**, São Paulo, n. 331, 2000.

LIBANIO, João Batista. A arte de formar-se no limiar do novo milênio. **Convergência**, São Paulo, n. 344, p. 357-373, 2001.

MARTUCCELLI, Danilo. As contradições políticas do multiculturalismo. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital>> Acesso em: 12 maio 2007.

MEDEIROS, Tito Figueirôa. Libertação, Cultura e atividades apostólicas na Igreja latino-americana. **Convergência**, São Paulo, n. 331, p.161-171, 2000.

MORRA, Maria Helena. O encontro homem-mulher, forma básica de co-humanidade. **Convergência**, São Paulo, n. 337, p. 551-561, 2000.

\_\_\_\_\_. Vida para todos no novo milênio: releitura de uma instituição evangélica. **Convergência**, São Paulo, n. 345, p. 442-452, 2000.

PALÁCIO, Carlos. Reflexão teológica. A vida religiosa Pro-vocada. **Convergência**, São Paulo, n. 339, p.13-24, 2001.

\_\_\_\_\_. Trinta anos de teologia na América Latina. **Convergência**, São Paulo, n. 336, p.503-512, 2000.

RICHARD, Pablo. A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal. **Convergência**, São Paulo, n. 342, p.203-227, 2001.

RODRIGODEAREIA, M.L. **O multiculturalismo em contexto afro-americano: o verso e o reverso**. CONGRESSO INTERNACIONAL D'ESTUDOS AFRICANOS, 1., 2004, Barcelona. **Trabalhos apresentados...** Barcelona, 2004. Mimeografado.

SILVA, Antonio Aparecido. Vida Religiosa e formação inculturada: entre Atabaques e Guasás. **Convergência**, São Paulo, n. 332, p. 235-243, 2000.

SUESS, Paulo. Como hóspedes na tenda de Abraão. **Convergência**, São Paulo, n. 336, p. 458-470, 2000.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, Ed. 34, 1999.

PRYSTON, Ângela. **Estudos culturais: uma [in] disciplina?** In: SEMINÁRIO DE METODOLOGIAS E OBJETOS DA COMUNICAÇÃO NO PROGRAMA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFPE, 1., 2003, Recife. **Trabalhos apresentados...** Recife: UFPE, 2003. Mimeografado.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANSONE, Lívio. Multiculturalismo, Estado e modernidade - as nuances em alguns países europeus e o debate no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 46, n.3, p.535-556, [19--].

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Z. (Org.). **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZENAIDE, Maria. II Encontro inter-regional do Greni - tema: mística e espiritualidade nas culturas negras e indígenas. **Convergência**, São Paulo, n. 345, p.400-405, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. **Elogio da intolerância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

**Recebido em: Maio de 2007**

**Aprovado em: Junho de 2007**